

# Racismo e plataformização entre os evangélicos no Brasil

Racism and platformization among evangelicals in Brazil

Luana Aparecida Alves da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender a força das plataformas digitais na propagação de denúncias contra o racismo dentro das igrejas evangélicas, analisando, portanto, dois casos que envolvem essa temática. Para dar sustentação à análise discutiremos a expressiva presença dos negros dentro das igrejas evangélicas. Após isso, analisaremos o primeiro caso que diz respeito ao comunicado oficial publicado pela Igreja Pentecostal Deus é Amor cujo objetivo era a proibição do penteado afro entre os membros da igreja. Logo em seguida, o segundo caso que se refere à fala proferida por um pastor da Assembleia de Deus, em uma convenção de mulheres da Assembleia de Deus do Pará. Posteriormente, faremos uma discussão sobre o fato de o racismo ser crime no Brasil. Seguidamente, discutiremos sobre o Movimento Negro Evangélico e a importância das plataformas digitais. Por fim, traremos as contribuições da autora Letícia Cesarino, que discute a plataformização que perpassa a sociedade atual. Ao término deste estudo, observaremos que as mídias sociais são de suma importância para que os casos de racismo sejam amplamente expostos e discutidos.

**Palavras-chave:** Racismo; Evangélicos; Plataformização.

## ABSTRACT

The purpose of this article is to understand the power of digital platforms in spreading complaints against racism within evangelical churches, and thus to analyze two cases involving this issue. To support this analysis, we will discuss the significant presence of Black people within evangelical churches. Next, we will analyze the first case, which concerns the official statement published by the Pentecostal Church “Deus é Amor” (God is Love), whose aim was to ban the Afro hairstyle among church members. Immediately following this, we will examine the second case, which refers to remarks made by a pastor from the Assemblies of God at a women’s convention of the Assemblies of God in Pará. Subsequently, we will discuss the fact that racism is a crime in Brazil. Next, we will discuss the Black Evangelical Movement and the importance of digital platforms. Finally, we have included contributions from author Letícia Cesarino, who discusses the “platformization” that permeates contemporary society. At the conclusion of this study, it is evident that social media is of paramount importance for cases of racism to be widely exposed and discussed.

**Keywords:** Racism; Evangelicals; Platformization.

## Introdução

O presente trabalho busca compreender a força das plataformas digitais na propagação de denúncias contra o racismo dentro das igrejas evangélicas. Nesse sentido, para dar sustentação à nossa análise, discutiremos sobre a presença de negros nas igrejas

<sup>1</sup> Doutoranda, Mestra e Especialista em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Licenciada em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista CAPES. E-mail: luanaalvessilva564@gmail.com.

evangélicas. Assim, traremos para a discussão a contribuição do livro de Marco Davi de Oliveira intitulado: *A religião mais negra do Brasil: Por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?* (2015).

Após essa discussão introdutória, analisaremos dois episódios envolvendo a temática racial e igrejas evangélicas expostos nas redes sociais. O primeiro diz respeito ao comunicado publicado pela diretoria da Igreja Pentecostal Deus é Amor que proibia a utilização de penteados afro. O segundo diz respeito à fala de um pastor assembleiano em um congresso de mulheres da Assembleia de Deus do Pará. Em sua fala, o pastor orienta os jovens a casarem com mulheres “morenas”, pois as “branquinhas” são mais caras.

Ademais, apresentamos uma breve discussão acerca do racismo no Brasil e sua posterior criminalização. Em seguida, refletiremos sobre o Movimento Negro Evangélico, seu papel de grande relevância na luta antirracista e a importância das plataformas digitais para ampliação das discussões étnico-raciais. Por fim, buscamos evidenciar o papel das mídias sociais na difusão, amplificação e circulação dos casos analisados. Para isso, trouxemos as contribuições da autora Letícia Cesarino que discute a plataformação que perpassa a sociedade atual. As discussões sobre *agente* e *ambiente* que coemergem e a materialização da virtualidade foram fundamentais para o trabalho. Ao término do trabalho, chegamos à conclusão de que as discussões fomentadas nas plataformas digitais são cruciais para se pensar a temática racial e evangélicos.

## 1. A religião mais negra do Brasil

De acordo com o Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os evangélicos seguem sendo, apesar de apresentar um ritmo menos acelerado do que em décadas anteriores, um grupo religioso que apresenta uma expansão significativa<sup>2</sup>. Nesse sentido, no que diz respeito aos grupos étnicos, o Censo Demográfico de 2022 evidencia que os evangélicos apresentam 30% de pessoas autodeclaradas pretas e 29,3% de pessoas autodeclaradas pardas<sup>3</sup>. Levando em consideração o Estatuto de Igualdade Racial - Lei de número 12.288/2010<sup>4</sup>, que compreende a população negra como o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, a maior parte da população evangélica brasileira é composta por pessoas negras. Esses dados são de suma importância para pensarmos a relação entre negritude e igrejas evangélicas: pautas raciais são discutidas nas igrejas evangélicas?

Bom, dar uma resposta para essa questão tão complexa é um tanto desafiador, uma vez que falar de igrejas evangélicas é falar de um universo, é falar de pluralidade, é falar de diversidade. Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre as repercussões de casos

---

<sup>2</sup> CARRANÇA, Thais. Censo 2022 religião: o que pesquisa revela sobre evangélicos e mais 7 dados inéditos. BBC News Brasil. 06 jun. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crk2p5xr0m7o>. Acesso em 16 de fev. de 2026.

<sup>3</sup> LOSCHI, Marília. Censo 2022: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. Agência de Notícias IBGE, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>. Acesso em: 15 jun. 2026.

<sup>4</sup> BRASIL. Lei n.º 12.288, de 20 de julho de 2010 (Estatuto da Igualdade Racial), art. 1º. Disponível em: [https://www.meuadumecumonline.com.br/legislacao/estatutos/1/estatuto-da-igualdade-racial-lei-n-12-288-de-20-de-julho-de-2010/artigo\\_1](https://www.meuadumecumonline.com.br/legislacao/estatutos/1/estatuto-da-igualdade-racial-lei-n-12-288-de-20-de-julho-de-2010/artigo_1). Acesso em: 15 jun. 2026.

envolvendo questões étnico-raciais no interior das igrejas evangélicas, seja através de regras que buscam excluir a negritude dos membros e de falas problemáticas proferidas por um líder religioso, nas plataformas digitais.

Nesse sentido, a obra *A religião mais negra do Brasil: Por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?* (2015) pertencente a Marco Davi de Oliveira é de suma importância para dar início ao debate sobre essa temática. Nesta obra, o autor faz uma série de apontamentos que evidenciam a escolha dos negros brasileiros pelas igrejas pentecostais.

De acordo com Marco Davi de Oliveira ainda são escassos os trabalhos que buscam apresentar a relação da igreja evangélica e os negros brasileiros (Oliveira, 2015, p. 17). Desse modo, o autor se propõe a pensar essa relação ao refletir sobre a atuação da igreja pentecostal junto aos negros do Brasil e compreender por que ela se tornou uma espécie de opção aos excluídos brasileiros (Oliveira, 2015, p.17).

Dessa forma, o autor compreende que o pentecostalismo é um movimento popular desde sua origem. Para ele, o berço do pentecostalismo se estabeleceu no meio de pessoas simples e que tiveram experiências distintas em suas vidas, mas que representavam nessas experiências o anseio de maior liberdade religiosa. “O pentecostalismo americano quanto o pentecostalismo brasileiro abrangeram o povo mais carente -e, como consequência natural, o povo negro”. (Oliveira, 2015, p.28).

Para o autor, os negros fizeram opção pelo pentecostalismo. Nesse sentido, ele justifica essa opção através das seguintes razões: religiosidade dos negros; a história de exclusão; carisma; força dos limites imputados. Para Oliveira, a religiosidade dos negros tende a ser mais participativa, ou seja, uma religiosidade na qual a fé torna-se real também pelo fato de o negro ter, em sua negritude e origem, uma relação com a natureza que o faz perceber a ação de Deus em todas as instâncias da vida e do cotidiano. Sobre a história de exclusão, o autor pontua que foi exatamente no contexto de exclusão que a comunidade negra cristã foi opção pelo pentecostalismo: a igreja pentecostal chegou mais perto daqueles que eram marcados pelo estigma do desprezo social. No que tange ao carisma, o autor destaca que o povo negro é espontâneo e alegre. Nesse sentido, o pentecostalismo facilitou uma adequação dos negros à sua liturgia mais desprendida de regras e métodos, a despeito de seu fundamentalismo. Acerca dos limites imputados, Oliveira traz os limites fortes que o pentecostalismo impõe nas relações com o “mundo”. (Oliveira, 2015, p.50).

Dessa forma, segundo o autor, a igreja pentecostal é um fenômeno religioso que contribuiu muito para a identificação e assimilação cultural dos negros brasileiros. Para Oliveira:

O pentecostalismo expandiu-se entre os negros do Brasil também por adotar uma liturgia que mais se aproxima da realidade do afrodescendente. A liturgia pentecostal traz em si uma tendência à africanidade que faz com que negros se sintam parte do culto durante todo o tempo, e não somente ouvintes e espectadores (Oliveira, 2015, p.65).

Assim, o culto pentecostal possui uma brasilidade mais evidente e se coaduna com o jeito mais solto e irreverente da cultura do afrodescendente. Nesse sentido, Marco Davi de Oliveira elenca os seguintes aspectos para identificação da religiosidade do povo negro no Brasil: Utilização do corpo como instrumento de culto; Musicalidade; Força dos antepassados.

Apesar de toda essa relação do pentecostalismo e negritude, o autor destaca que ainda não se vê negros na liderança máxima da igreja pentecostal. Nesse sentido, o que se vê são negros que conseguem, no máximo, ocupar cargos de pastores de igrejas locais, ou seja, tornam-se bons líderes de congregações subalternas àquelas orientada por uma liderança branca. Essa afirmação pode ser uma das razões pela ausência de discussões sobre o racismo e ausência de práticas antirracistas. Quando o poder permanece concentrado a um determinado grupo étnico, dificilmente terá abertura para discussões pautadas em escuta e reconhecimento de outros grupos étnicos.

Em relação a importância de uma liderança religiosa aberta às discussões étnico-raciais, Rosenilton de Oliveira (2024) destaca a trajetória de Hernani Silva, nome importante para o Movimento Negro Evangélico. Por atuar à frente da Sociedade Cultural Missões Quilombos e do Afrokut, Silva recebeu o prêmio Direitos Humanos, outorgado pelo Governo Federal brasileiro (em 2000). Todavia, o reconhecimento do seu trabalho na articulação dos evangélicos negros nem sempre encontra respaldo na hierarquia eclesiástica, pois Hernani Silva não é sacerdote. Rosenilton de Oliveira enfatiza que as alianças estabelecidas com líderes religiosos, intelectuais e agentes de outras denominações são cruciais para um maior desenvolvimento de suas ações no interior das igrejas (Oliveira, 2024, p.175).

O autor Ricardo Mariano em seu artigo *O futuro não será protestante* (1999), discute a compreensão inicial que se tinha sobre a América Latina se tornar protestante. Para Mariano, o pentecostalismo é responsável pela expansão evangélica na América do Sul, uma vez que passa a formar sincretismos, a se autonomizar em relação à influência das matrizes religiosas norte-americanas, a promover sucessivas acomodações sociais, a assumir o status de uma grande minoria religiosa e a almejar prestígio e reconhecimento social, cada vez menos tende a representar uma ruptura com a cultura ambiente (Mariano, 1999, p. 90).

Ao analisar as primeiras interpretações sociológicas acerca do pentecostalismo brasileiro, Ricardo Mariano destaca que, nessas análises, havia uma ênfase nas funções de ajustamento e integração social no pentecostalismo brasileiro. Nesse sentido, o pentecostalismo se revelava como estratégia de ajustamento social dos indivíduos dos estratos pobres e marginalizados, sobretudo dos migrantes de origem rural. Todavia, Ricardo Mariano pontua que essa “integração social” propiciada pelo pentecostalismo não direcionava o fiel a estabelecer compromissos com este mundo. Na verdade, resultava em contrapartida fortemente contracultural, sectária e ascética, fundamentada na crença no iminente Segundo Advento de Cristo, no juízo final e na radical dicotomia entre os reinos material e espiritual (Mariano, 1999, p. 101). “Imerso nesta cosmologia dualista e apocalíptica, o fiel, na condição de “nova criatura”, não apenas deveria se isolar e se apartar das coisas, interesses e paixões mundanos, bem como morrer para o mundo” (Mariano, 1999, p.101).

A crença em uma salvação que direcionava o fiel ao paraíso trazia uma forte rejeição e desvalorização do mundo. Contudo, o cenário religioso muda com o advento do neopentecostalismo. Para Ricardo Mariano, o neopentecostalismo transformou as tradicionais concepções pentecostais acerca da conduta e do modo de ser do cristão no mundo. Segundo ele, o neopentecostalismo propagou:

a ideia de que ser cristão constitui o meio primordial para permanecer liberto do Diabo e obter prosperidade financeira, saúde e triunfo nos empreendimentos terrenos. “Ter um encontro com Cristo” passou a significar gozar de uma vida próspera e feliz, ou a certeza de poder contar

com a efetiva intervenção divina em toda circunstância, até para satisfazer ambições materiais. De sorte que o crente neopentecostal, às expensas da tradicional postura sectária, ascética e contracultural do pentecostalismo, pode estabelecer sólidos compromissos como mundo, com seus valores hedonistas, com seus interesses materialistas e com seus prazeres. Nesse crescente interesse pelas “coisas do mundo”, o fervor apocalíptico desses religiosos esfriou (Mariano, 1999, p. 102).

Como destacado por Ricardo Mariano, os pentecostais são os responsáveis por expandir a religião evangélica na América do Sul. Desse modo, esse segmento religioso se consolidou entre os setores mais populares da sociedade. Nas primeiras análises sociológicas sobre a temática, havia um destaque sobre a expansão do pentecostalismo ter se configurado entre os setores socialmente desfavorecidos, sua capacidade de proporcionar pertencimento e apoio aos fiéis em contexto de vulnerabilidade. Todavia, mesmo se fazendo presente entre as populações marcadas pelas desigualdades sociais, entre as quais se encontra parcela significativa da população negra, questões étnico-raciais não ocuparam lugar central na agenda dos primeiros pentecostais brasileiros, haja vista que as preocupações dos primeiros pentecostais eram pautadas em se afastar das coisas terrenas. Posteriormente, com o advento do neopentecostalismo e sua maior inserção nas esferas política, econômica e midiática, as discussões terrenas poderiam ser feitas. Todavia, as questões étnico-raciais permaneceram periféricas no campo religioso evangélico brasileiro, raramente sendo tratada com pauta prioritária pelas principais denominações.

Conforme afirmado por Vagner da Silva no texto *Religião e identidade cultural negra: afro-brasileiros, católicos e evangélicos* (2017), a temática voltada para questões de identidade cultural negra sempre foi um assunto espinhoso para as igrejas evangélicas brasileiras. Segundo o autor, houve um agravamento nas últimas décadas, uma vez que as igrejas evangélicas cometem ataque contra as religiões afro-brasileiras e seus símbolos (Silva, 2017, p. 106). O autor vai ainda mais longe em sua análise ao destacar que, se nos Estados Unidos, as igrejas protestantes negras tiveram um papel significativo para tomada de consciência étnica e a luta pelos direitos civis, no Brasil, o perfil possui outra configuração, haja vista a especificidade do racismo brasileiro e as dificuldades para se identificar com o que pode ser definido como “heranças africanas negras” na chamada “cultura mestiça” brasileira (Silva, 2017, p.106).

A partir desses apontamentos temos a ciência de que as igrejas evangélicas, em sua maioria, são compostas por pessoas negras. Todavia, os negros e negras ainda não ocupam espaços de liderança máxima nas igrejas, cargos ainda destinados a pessoas brancas. Nesse sentido, debater e pensar sobre questões raciais ainda é um desafio. A seguir traremos dois exemplos que envolvem questões étnico-raciais, igrejas evangélicas e suas respectivas repercussões nas plataformas digitais. O primeiro caso se refere ao comunicado feito pela Igreja Pentecostal Deus é Amor. Comunicado que proibia o penteado afro entre os membros. A repercussão nas mídias sociais foi tão significativa que a igreja retificou o comunicado. O segundo exemplo é mais recente. Em agosto de 2025, um pastor da Assembleia de Deus, em uma pregação para centenas de pessoas, orienta os jovens a se casar com moças *morenas*, pois as *branquinhas* são mais caras. Os dois casos tiveram repercussões em razão das plataformas digitais. Ambos evidenciam que, embora o número de pessoas negras pertencendo as igrejas evangélicas brasileiras tenha se expandido, a desvalorização fenotípica de indivíduos negros e a compreensão de que a mulher negra é *mais barata*, seguem permanecendo no interior dessas instituições religiosas. Desse modo, a presença negra não suprime a reprodução do racismo neste campo religioso.

## 2. Igreja Pentecostal Deus é Amor

A igreja Pentecostal Deus é Amor foi fundada em 1962 por David Martins Miranda no estado de São Paulo. Com forte ênfase em práticas de cura, libertação e milagres, a igreja Pentecostal Deus é Amor também se destaca por ter um regimento interno contendo regras rígidas no que diz respeito à vestimenta, lazer e aparência, sobretudo para as mulheres. De acordo com Marcos Stahl, David Miranda formulou a igreja Pentecostal Deus é Amor a partir de suas próprias regras. Regras fundamentadas por ele e pela Bíblia. Afirmar, segundo o autor, sendo possíveis de serem encontradas no site oficial da igreja (Stahl, 2014, p. 38).

Criada à imagem e semelhança de seu líder, a Igreja Pentecostal Deus é Amor tem um RI - Regulamento Interno -, como todas as instituições, nele a igreja esclarece seu Ritual, determinado como lei, que trata de como os fiéis devem se vestir, portar na sociedade e na vida religiosa, além de apontar como devem viver e participar das comunidades religiosas de sua igreja (Stahl, 2014, p.38).

Segundo o autor, a Igreja Pentecostal Deus é Amor exerce um controle significativo sobre seus membros com o objetivo de não se perderem e serem atravessados pelos malefícios da sociedade. Desse modo, as regras precisam ser seguidas, pois quando não são, passam a impressão de que estão contra o regimento interno da igreja. A igreja, portanto, luta para convencer os fiéis a estarem no caminho que eles estabelecem como certo (Stahl, 2014, p.39).

Outro elemento importante a se destacar sobre a igreja Pentecostal Deus é Amor diz respeito à localização geográfica ocupada por esse segmento religioso, ou seja, desde sua fundação, a igreja Deus é Amor concentrou-se nas periferias das grandes cidades, haja vista a forte migração de pessoas advindas das zonas rurais em busca de melhores condições de vida:

ao construir pequenas igrejas junto a essas comunidades que se formavam, a IPDA convertia, guiava e orientava esses indivíduos para que seguissem os costumes tradicionais e severos da igreja, mas na verdade, o que ocorria era um reencontro dessas pessoas com suas próprias referências morais, que ainda permaneciam as mesmas, apesar das mudanças nos costumes. (Stahl, 2014, p. 40).

Ao se estabelecer nessas localidades, a Igreja Pentecostal Deus é Amor obteve um crescimento significativo. Mesmo crescendo e se mudando para grandes salões em outras regiões para além da periferia, a igreja Pentecostal Deus é Amor ainda se consolidava em pequenas igrejas nas periferias, uma vez que são nesses lugares que se aprende a doutrina, focando no regimento interno (Stahl, 2014, p.42).

A igreja Pentecostal Deus é Amor sempre se colocou avessa a algumas modernidades, como por exemplo, o uso de televisão (Stahl, 2014, p. 55), porém seu fundador, David Miranda, sempre foi assíduo nas rádios, possuindo inúmeras emissoras:

Isso significa que embora a IPDA não utilize a televisão, seu líder não está indiferente às necessidades impostas pelas mudanças ocorridas na sociedade, apenas quer continuar a exercer um controle rígido sobre os

seus fiéis, o que é um pouco mais fácil sem a “tentação” da televisão (Stahl, 2014, p.55).

Atualmente, a igreja Pentecostal Deus é Amor possui um site<sup>5</sup>, um aplicativo<sup>6</sup> e uma página no Instagram<sup>7</sup>. Tal fato evidencia avanços significativos na forma como a igreja passa a se conectar com os seus membros e a sociedade em geral.

### Exemplo 1

Em 3 de dezembro de 2024 a Igreja Pentecostal Deus é Amor, por meio de sua diretoria, fez um comunicado oficial<sup>8</sup> sobre as novas exigências da igreja. Seguem trechos do comunicado:

Escrevemos este comunicado com o intuito de orientar a fortalecer a nossa caminhada cristã à luz dos princípios da Palavra de Deus. Como igreja, somos chamados a ser sal da terra e luz do mundo (Mateus 5:13-16), refletindo em nossas vidas o caráter de Cristo em todas as áreas.

Da mesma forma, queremos reforçar o entendimento de que a nossa identidade em Cristo não está vinculada ao uso de maquiagens ou qualquer tipo de artifício que altere nossa aparência natural. Nossa verdadeira beleza é aquela que vem de um espírito manso e tranquilo, como descrito em 1 Pedro 3:3,4.

Portanto, como ensina a doutrina bíblica que está escrito em (I Co. 6:19-20 “Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus”, não será mais tolerado o uso de roupas justas, curtas, sensuais, transparentes, rachadas, decotadas, bem como, o uso de maquiagens, pintura nos olhos, cílios postiços, sobrancelhas de henna, pintura nas unhas, o corte de cabelo para as mulheres, o uso de calça comprida e saltos altos. Aos homens é proibido manterem a barba por fazer, assim como **o penteado afro** e o uso de calças coladas ao corpo. Tudo isso, independentemente do ambiente dentro ou fora da igreja.

Os membros que não obedecerem, ficarão fora de comunhão sem participar de eventos ou qualquer atividade na igreja, até que corrijam o seu mal testemunho.

Não demorou muito para o comunicado *viralizar* nas redes, em poucos dias, a notícia já estava em inúmeras páginas no Instagram e em canais oficiais de comunicação. Pouco tempo depois, devido a repercussão negativa, a igreja retifica o comunicado afirmando que a

<sup>5</sup> Disponível em: [https://ipda.com.br/?gad\\_source=1&gad\\_campaignid=23283353437&gbraid=0AAAAApJfEizZCcmP9VMkrDZO49SonPCPQ&gclid=CjwKCAiAncvMBhBEEiwA9GU\\_flaZAl1IzUsJTz4KKjmgJ\\_Wcy4E0U-iYjC\\_l-n\\_b2pTVCbqawtDtn0BoC4N8QAvD\\_BwE](https://ipda.com.br/?gad_source=1&gad_campaignid=23283353437&gbraid=0AAAAApJfEizZCcmP9VMkrDZO49SonPCPQ&gclid=CjwKCAiAncvMBhBEEiwA9GU_flaZAl1IzUsJTz4KKjmgJ_Wcy4E0U-iYjC_l-n_b2pTVCbqawtDtn0BoC4N8QAvD_BwE). Acesso em: 16 de fev. de 2026.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://apps.apple.com/us/app/igreja-deus-%C3%A9-amor/id1558732841>. Acesso em: 16 de fev. de 2026.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/igrejadeuseamoroficial/>. Acesso em: 16 de fev. de 2026.

<sup>8</sup>Disponível em: <https://www.preessencias.com.br/noticias/igreja-deus-e-amor-proibe-fieis-de-usarem-cabelo-afro-e-acusada-de-racismo-e-se-desculpa/>. Acesso em 22 de maio de 2026.

regra acerca da proibição de penteado afro não estava mais valendo e que a IPDA repudia qualquer tipo de discriminação<sup>9</sup>.

O comunicado da Igreja Pentecostal Deus é Amor toca em uma das características mais marcantes da identidade negra: o cabelo crespo. O cabelo crespo sempre foi estigmatizado na sociedade brasileira. Música como *Fricote*, mais conhecida como *nega do cabelo duro*, faz questão de enfatizar o estereótipo de que o cabelo crespo é um cabelo duro, bagunçado e sujo.

A Igreja Pentecostal Deus é Amor é uma igreja periférica e com grande contingente de pessoas negras. Desse modo, proibir o que eles denominaram de penteado afro, ou seja, o cabelo crespo, é proibir a manifestação da identidade negra dos membros desta instituição religiosa. Ao elencar este ponto, a igreja demonstra pouco apreço e respeito aos negros que decidem ter seus cabelos naturais, reforçando práticas de apagamento de traços da ancestralidade africana.

Willie James Jennings no livro *Racismo e Teologia: Os fundamentos raciais no imaginário cristão* (2025) expressa um relato pessoal de como o racismo, entre os cristãos norte-americanos, foi percebido por ele ainda em sua infância. Ao narrar a visita inesperada de dois homens brancos no jardim do quintal de sua casa onde estava com sua mãe, Jennings destaca a demora do discurso dos missionários e o desconhecimento daqueles homens em relação à sua mãe, Mary Jennings, um dos pilares da Igreja Batista Nova Esperança Missionária. Essa experiência trouxe uma estranheza inexplicável embutida no cristianismo que ele vivia e observava. A experiência em questão fomentou nele a seguinte indagação: *por que eles não nos conheciam?*. Segundo Jennings:

A estranheza e a formalidade de seu discurso em nosso quintal sinalizaram uma ordem mais ampla e profunda de não saber, de não sentir, de não imaginar. A forma mais comum de narrar essa realidade histórica do cristianismo ocidental, exibida em meu quintal, é falando de diferentes cristianismos, branco e negro, ou diferentes expressões culturais do cristianismo, imigrante (europeu) e escravizado (africano), ou mesmo de uma divisão pecaminosa de fé formada pelas realidades históricas de escravidão. No pequeno espaço de um quintal, eu testemunhei um cristianismo familiar à maioria de nós, imerso na diferença racial e cultural. (Jennings, 2025, p.16).

Para Jennings, o cristianismo no mundo ocidental vive e se move dentro de um imaginário social doentio (Jennings, 2025, p.18). Para ele, o imaginário teológico cristão foi tecido em processos de dominação colonial. Neste ínterim, o autor propõe, em sua obra, fazer teologia de um jeito diferente, isto é, uma análise teológica das performances sociais da teologia.

O relato de Jennings é crucial para refletirmos sobre a barreira, estabelecida pelo racismo, entre os missionários que visitavam-os discursando sobre a fé cristã e sua mãe, uma mulher cristã e ativa na igreja. Os missionários sequer levaram em consideração a afirmação de que aquela família já era uma família cristã. O incômodo de Jennings evidencia o apagamento histórico que o racismo traz às pessoas negras: *por que eles não nos conheciam?*. No Brasil, podemos encontrar mais uma forma de apagamento ao falarmos da história do

<sup>9</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/12/13/igreja-evangelica-proibe-uso-de-penteado-afro-e-e-denunciada-por-racismo.ghtml>. Acesso em: 27 de ago. de 2025.

protestantismo brasileiro. Ronilso Pacheco na obra *Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito* (2019), destaca a importância de Agostinho José Pereira, fundador da igreja Divino Mestre, em Pernambuco, no século XIX. A vida de Pereira não teve atenção da historiografia brasileira oficial, que deixou de lado a trajetória de um homem conhecido como Lutero Negro. Segundo os registros, pouco explorados pelos pesquisadores, Agostinho Pereira lutou por liberdade, libertação e justiça. Ronilso Pacheco ressalta a importância de Pereira, uma vez que reconhece em sua história o símbolo do quanto um espírito profético, libertador e antirracista acompanha, desde longe, o povo negro. O comunicado da igreja Pentecostal Deus é Amor também demonstra dinâmicas de apagamento que perpassa as pessoas negras no interior das instituições religiosas, uma vez que buscou impedir a utilização do penteadado afro, reforçando a deslegitimação de elementos vinculados à identidade e à estética negra. Ao refletirmos sobre a experiência de Willie Jennings, o apagamento, por parte da historiografia oficial, de Agostinho Pereira e a proibição do penteadado afro na Igreja Pentecostal Deus é Amor, é possível encontrar a deslegitimação dos corpos negros no espaço religioso. Proibindo o penteadado afro entre os membros da instituição religiosa, regula-se a manifestação da identidade afro dentro da igreja. Tal proibição não possui um teor apenas estético, mas enfatiza estereótipos que sempre atravessou a população negra.

Nesse sentido, cabe salientar que neste caso, houve uma grande repercussão nas mídias tradicionais e digitais. O caso chegou ao Movimento Negro Evangélico<sup>10</sup> que abriu uma denúncia<sup>11</sup> contra a igreja no Ministério Público pelo crime de racismo.

É de suma importância enfatizar o papel das plataformas digitais para tornar público esse caso. Foi através da exposição nas diferentes páginas nas redes sociais que o caso veio a público gerando indignação em inúmeras pessoas. Desse modo, as plataformas digitais possuem uma importância significativa, uma vez que são capazes de tornar assuntos internos em debates públicos.

### 3. Assembleia de Deus

A igreja Assembleia de Deus foi fundada em 1911 em Belém (Pará), com forte ênfase nos dons do Espírito Santo como o dom de línguas estranhas, profecias e curas. As estruturas das assembleias de Deus podem ser destacadas como plurais e fragmentadas, uma vez que existem inúmeros ministérios espalhados pelo Brasil. De acordo com o autor Maxwell Fajardo (2019), a assembleia é a segunda igreja pentecostal a instalar-se no Brasil.

Os inúmeros Ministérios que existem das Assembleias de Deus, segundo Fajardo, se referem aos grupos de igrejas liderados por um mesmo pastor-presidente e que têm autonomia administrativa em relação aos demais Ministérios e que pode manter ou não um vínculo com uma convenção de abrangência nacional, como a CGADB (Fajardo, 2019, p.93).

Hoje existem centenas em todo país, muitos deles com redes de igrejas espalhadas por diferentes estados, outros com número reduzido de congregações. Cada um destes Ministérios, apesar de preservar uma identidade geral criada pela nomenclatura “Assembleia de Deus”

<sup>10</sup> Disponível em: <https://mnebrasil.org/>. Acesso em: 29 de ago. de 2025.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/movimento-negro-evangelico-denuncia-igreja-deus-e-amor-por-racismo-no-mp-sp/>. Acesso em: 29 de ago. de 2025.

apresenta suas próprias características, e um campo propício para a criação de suas próprias representações sociais. Assim, é comum que quando dois assembleianos se conhecem e conversam pela primeira vez, a primeira pergunta que façam um ao outro seja: “de qual Ministério você é?” Identificar-se como membro de determinado Ministério significa estar ligado a uma série de práticas litúrgicas e comportamentais mais ou menos conservadoras, o que pode ditar o rumo da conversa, já que em várias cidades, muitos Ministérios veem-se como concorrentes. (Fajardo, 2019, p.93).

Com essa multiplicidade de Ministérios, é possível encontrar Assembleias de Deus de diferentes Ministérios em uma mesma cidade, bairro ou até rua, como destaca Maxwell Fajardo. No que diz respeito às práticas litúrgicas, também é possível encontrar uma variedade expressiva. Em algumas igrejas será possível encontrar palmas e danças, enquanto em outras tais performances serão proibidas. Além disso, algumas igrejas são mais conservadoras em relação a usos e costumes. Outras, porém, serão mais flexíveis:

A complexidade não se restringe aos fatores corporativo-institucionais. É possível encontrar ADs cujas práticas litúrgicas lembram igrejas pentecostais ligadas à teologia da prosperidade, como a Universal do Reino de Deus. Por outro lado, também é possível assistir cultos em igrejas onde tais práticas são severamente questionadas. Há ADs onde danças e palmas fazem parte de todo o momento do cântico comunitário, em outras, tais elementos não são permitidos em nenhuma hipótese. Existem ADs em que é proibido aos membros o uso de maquiagens, brincos e outros adereços, enquanto em outras tais costumes são incentivados. Em alguns casos o estudo da teologia é reprimido, enquanto em outros são organizados cursos que pleiteiam o reconhecimento do MEC. (Fajardo, 2019, p.41).

A Assembleia de Deus é uma das igrejas mais presentes no Brasil, alcançando milhões de fiéis e estando em praticamente todas as cidades brasileiras. Como destacado, seus Ministérios são marcados por uma variedade litúrgica, usos e costumes e teologia. A Assembleia de Deus cujo pastor fez a declaração aqui analisada, em uma convenção para as mulheres, é apenas um Ministério dentre esse universo de Ministérios.

## Exemplo 2

No dia 9 de agosto de 2025 começou a *viralizar* nas redes sociais um trecho<sup>12</sup> de uma fala, extraída de uma pregação, de um pastor assembleiano, em um congresso de mulheres da Assembleia de Deus do Pará. Segue a fala:

Eu digo para os jovens hoje em dia:  
Se você for casar, escolha com quem você vai casar.  
Se você for escolher uma branquinha, tem mais despesas. É mais caro.  
Escolhe uma morena, que gasta menos.  
As branquinhas começa a ter um negocinho aqui, Tem que comprar mais um creme, mais não sei o que, não sei o que. Vai ficando caro (risos).  
Mas o amor é cego.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DNNewfchEVb/?igsh=aGg1YTAyOHE3MHUz>. Acesso em: 29 de ago. de 2025.

A fala do pastor assembleiano demonstra um estereótipo que perpassa as mulheres negras brasileiras, isto é, a ideia de que a mulher negra tem pouco valor e é de fácil acesso. Em um congresso feminino, com uma grande população de mulheres negras ouvintes, ainda assim o pastor se sentiu à vontade para verbalizar uma fala carregada de preconceitos<sup>13</sup>. Além disso, é válido frisar que a pregação estava sendo transmitida ao vivo.

De acordo com Abdias Nascimento no livro *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (2006), a mulher negra, por conta da sua condição de pobreza, ausência de status social, e total desamparo, continua a vítima fácil, vulnerável a qualquer agressão sexual do homem branco (Nascimento, 2006, p. 74). O autor traz um trecho de uma denúncia feita no *Manifesto das Mulheres Negras*, apresentado ao Congresso das Mulheres Brasileiras realizado na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, em 2 de julho de 1975:

as mulheres negras brasileiras receberam uma herança cruel: ser o objeto de prazer dos colonizadores. O fruto deste covarde cruzamento de sangue é o que agora é aclamado e proclamado como “o único produto nacional que merece ser exportado: a mulata brasileira”. Mas se a qualidade do “produto” é dita ser alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante, sujo e desrespeitoso. (Nascimento, 2006, p.74).

A fala do pastor pode ser interpretada como demonstrando essa violência para com a mulher negra que vem sendo enfatizado desde o século passado. Nesse sentido, tal fato demonstraria que os anos se passaram, mas o tratamento que a mulher negra recebe na sociedade brasileira permanece o mesmo.

O autor Gedeon Freire de Alencar no texto *Nas assembleias de Deus não há racismos, pois nas assembleias de Deus pessoas negras (não) têm lugar* (2023) destaca que as Assembleias de Deus incorporaram as mulheres, mas não discutiram os machismos, acolheram os pobres, mas não questionaram as estruturas da pobreza. Integraram os negros, mas não contestaram os racismos. Assim, ele pontua que na perspectiva das Assembleias de Deus não existem negros e negras, existem apenas assembleianos/as. Ou seja, não existe a identidade racial apenas a identidade espiritual. Nesse sentido, raça, classe e gênero não existem como afirmações, mas existem como negações (Alencar, 2023, p. 75). O autor ainda vai mais longe ao comparar as Assembleias de Deus com a sociedade brasileira. Ele destaca:

As AD's são como a Bahia e o Rio de Janeiro, a população negra majoritária com governadores brancos; as igrejas com maioria de pessoas negras com pastores brancos. Como isso já se materializou para os baianos e cariocas e brasileiros em geral, por que esperar algum incômodo dos assembleianos baianos, cariocas e brasileiros em geral? (Alencar, 2023, p. 84).

Na fala do pastor podemos perceber que, de fato, nas AD's questões raciais não causam incômodo, uma vez que o pastor se sentiu à vontade para verbalizar, em meio a centenas de mulheres não brancas, uma fala que estereotipa a mulher negra. Além disso, cabe

---

<sup>13</sup> Preconceito: “conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos necessários sobre um determinado assunto”. PRECONCEITO. In: Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/preconceito/>. Acesso em: 15 de jun. de 2026.

Preconceito: “Juízo de valor preconcebido sobre algo ou sobre alguém que se pauta em uma opinião construída sem fundamento, conhecimento nem reflexão; prejulgamento”. PRECONCEITO. In: Dicio: Dicionário Online de Português. Disponível: <https://www.dicio.com.br/preconceito/>. Acesso em: 15 de jun. de 2026.

destacar que, naquele contexto, este pastor exercia o cargo de pastor presidente da COMIEADEPA (Convenção Interestadual de Ministros e Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Pará). Em dezembro de 2025, foi reeleito presidente novamente, mesmo após toda repercussão do caso em questão. Tal fato demonstra que apesar de ter exposto uma declaração que causou polêmica, ele conquistou novamente o cargo de pastor presidente.

De acordo com os autores Beatriz de Andrade e Paulo Nogueira no artigo *Pentecostalismo na Assembleia de Deus: racismo e seus desdobramentos na vida cotidiana dos negros no Brasil* (2025), as mulheres negras fazem parte da maioria dentro das igrejas Assembleias de Deus. Entretanto, essa mesma maioria não ocupa a posição de destaque como, por exemplo, em pastoreios. Como afirmado pelos autores, a ausência dessas mulheres nessa posição advém das normas internas das igrejas e à falta de atribuição de ministérios. Nesse sentido, mesmo se ausentando de cargos de liderança, as mulheres negras, segundo os autores, possuem um poder simbólico dentro das Assembleias de Deus. Esse poder simbólico pode ser observado através da alteração da estrutura social do rito e no poder de alcance que essas mulheres possuem. Os autores ainda enfatizam que:

o contexto das Assembleias de Deus, as mulheres têm o trabalho espiritual, enquanto os homens ficam com a liderança, que partem de um binarismo sexual bem delimitado, com funções específicas ao feminino e ao masculino, tendo como consequência, a não valorização do trabalho (e pastoreio) feminino. Como o “trabalho eclesástico” não é de fato visto e reconhecido como um trabalho e sim como virtude, as mulheres são guiadas a entender que não são passíveis de salário, tal qual o próprio trabalho doméstico, por exemplo. (Andrade; Nogueira, 2025, p. 223).

Nesse sentido, ainda que as mulheres negras componham a maioria nas Assembleias de Deus, a citação acima demonstra a existência de tensões entre sua expressiva presença numérica e sua inserção nos espaços de liderança religiosa.

Ao falar das formas de apagamento que marca a história das mulheres negras não somente no Brasil, mas também nos Estados Unidos, podemos mencionar a autora Bell Hooks em seu livro *E eu não sou uma mulher?* (2020) que traz a importância de Sojourner Truth, uma das mais famosas abolicionistas negras dos Estados Unidos. Sojourner Truth se levantou, diante de um grupo organizado de mulheres e homens brancos, em uma reunião antiescravista em Indiana e mostrou os seios para provar que, de fato, era uma mulher (Hooks, 2020, p. 251).

Para Sojourner, que percorreu a longa estrada entre escravidão e liberdade, desnudar os seios era um problema pequeno. Ela encarou a plateia sem medo, sem vergonha, orgulhosa por ter nascido negra e mulher. Ainda assim, o homem branco que gritou para Sojourner “Eu não acredito que você é realmente uma mulher” involuntariamente expressou o desprezo e o desrespeito dos Estados Unidos pela mulheridade negra. (Hooks, 2020, p.252).

A potente trajetória de Sojourner Truth não a impediu de vivenciar a dor da segregação racial norte-americana. Sendo mulher e negra, sua experiência era marcada pelo sexismo e racismo. Viver em constante necessidade de se provar alguém digno de ser ouvida e respeitada é uma realidade para muitas mulheres negras. De acordo com Bell Hooks, a desvalorização da mulheridade negra resultou da exploração sexual de mulheres negras

durante o período da escravidão, e isso não mudou ao longo de centenas de anos (Hooks, 2020, p. 94).

A fala do pastor, contendo um teor de humorístico, enfatiza o que Djamila Ribeiro destaca em *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018), para a autora o humor disseminado na grande mídia é um humor rasteiro, legitimador de discursos e práticas opressores, que busca se esconder por trás do riso. Segundo Ribeiro, sendo a sociedade racista, o humor será mais um espaço onde esses discursos serão perpetuados. A autora vai ainda mais longe ao destacar que não há nada de neutro nesse tipo de humor, na verdade, existe uma posição ideológica evidente de permanecer perpetuando as opressões (Ribeiro, 2018, p. 29). Ao utilizar o humor, essas formas de declarações podem ser impedidas de serem reconhecidas como falas discriminatórias. Assim, a afirmação feita pelo pastor associa as características étnico-raciais a diferentes valores simbólicos. Como líder religioso, ocupando cargo de pastor presidente, sua fala ganha um peso ainda maior, haja vista a autoridade religiosa exercida por ele. Sua opinião, ainda que seja individual, tem potencial para influenciar a percepção de centenas de fiéis.

O caso acima revela a importância das plataformas digitais, uma vez que elas permitem que a circulação desses discursos alcance um público para além do ambiente religioso interno, permitindo que críticas antirracistas sejam feitas. Nesse sentido, a fala do pastor está sendo investigada, pois o Ministério Público<sup>14</sup> recebeu a denúncia contra o crime de racismo e sexismo.

#### 4. Racismo no Brasil

O Brasil foi o último país da América Latina a abolir a escravidão, exercendo isso apenas em 1888. Foram mais de 300 anos de violência física, mental e moral do povo negro. Um país que tem mais tempo de escravização negra do que de liberdade do povo negro. Mais tempo de escravização do que de abolição. O fato de termos essa marca tão cruel na história do Brasil deixa consequências graves para os negros brasileiros nos dias atuais. Para o autor Abdias Nascimento (2006), a história não oficial do Brasil registra o longo e antigo genocídio que vem perpetrando contra o afro-brasileiro.

Nascimento destaca que o negro escravizado exerceu um papel decisivo para o começo da história econômica do Brasil, um país que estava sendo fundado sob o signo do parasitismo imperialista. Segundo o autor, sem o escravizado, a estrutura econômica do país jamais teria existido (Nascimento, 2006, p.59):

O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a flexão e a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia. Ele plantou, alimentou e colheu a riqueza material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca (Nascimento, 2006, p.59).

Para Nascimento, durante séculos, o sistema escravocrata português desfrutou da fama, sobretudo no estrangeiro, de ser uma instituição benigna, de caráter humano. Desse

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://portalofato.com.br/2025/08/22/declaracoes-polemicas-mppa-apura-fala-de-pastor-com-indicios-de-racismo-e-sexismo/>. Acesso em: 22 de maio de 2026.

modo, o colonialismo português utilizou como recurso a mentira e a dissimulação, uma vez que Portugal encobria sua natureza racista e espoliadora (Nascimento, 2006, p.59).

Assim, o que acontecia na colônia portuguesa era exploração cruel do povo negro. Para Abdias, houve um genocídio do negro brasileiro. Segundo o autor, uma das estratégias deste genocídio da população negra brasileira foi o processo de miscigenação que era fundamentado na exploração sexual da mulher negra. Desse modo, a eliminação do afrodescendente resolveria o “*problema*”. “Com o crescimento da população mulata, a raça negra iria desaparecendo sob a coação do progressivo clareamento da população do país (Nascimento, 2006, p.84)”.

Dessa maneira, durante o período escravocrata, a política de embranquecer a população estruturava-se de forma a limitar de qualquer forma o crescimento da população negra.

Além disso, Abdias Nascimento destaca uma outra forma de genocídio da população negra brasileira, isto é, o genocídio marcado pelo embraquecimento cultural. Para o autor, as classes dominantes brancas têm à sua disposição poderosos implementos de controle social e cultural: o sistema educativo, as várias formas de comunicação de massas - a imprensa, o rádio, a televisão - a produção literária (Nascimento, 2006, p.112). Segundo ele, todos esses instrumentos estão a serviço dos interesses das classes no poder e são usados para destruir o negro como pessoas e como criador da própria cultura:

O processo de assimilação ou de aculturação não se relaciona apenas à concessão aos negros, individualmente, de prestígio social. Mais grave, restringe sua mobilidade vertical na sociedade como um grupo; invade o negro e o mulato até à intimidade mesma do ser negro e do seu modo de autoavaliar-se, de sua autoestima. (Nascimento, 2006, p.112).

Desse modo, Abdias Nascimento pontua que é preciso compreender “*democracia racial*” como significando a metáfora perfeita para designar o racismo à brasileira, ou seja, não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual apartheid da África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim, como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país (Nascimento, 2006, p.111).

O racismo é uma realidade na sociedade brasileira. Como destaca Nascimento, a realidade dos afro-brasileiros é aquela de suportar tão afetiva discriminação que, mesmo onde constituem a maioria da população, existem como minoria econômica, cultural e nos negócios (Nascimento, 2006, p.98). Um exemplo citado pelo autor, no que diz respeito à prática de racismo em empregos, destaca que os anúncios procurando empregados eram publicados com a explícita advertência: “*não se aceitam pessoas de cor*”. Tal fato é datado no ano 1950, ou seja, 62 anos após a lei que abolia a escravidão. 62 anos e os negros tidos como livres não tinham oportunidade de trabalhar e muito menos ascender economicamente. O racismo está na estrutura da sociedade brasileira que se consolidou com base na escravização do povo negro. Ele continua perpetuando o apagamento da história e do legado do povo negro no Brasil.

A autora Cida Bento em sua obra *O pacto da branquitude* (2022) enfatiza que a história dos quilombos, bem como a de diversos importantes levantes ou revoltas que ocorreram antes da abolição, forçando o fim da escravidão, é omitida na historiografia oficial. Segundo

a autora, isso pode ter ocorrido para não ferir a imagem de país da suposta democracia racial ou para não reconhecer o protagonismo da população negra na história nacional (Bento, 2022, p. 39).

Essa omissão da resistência negra e indígena na historiografia oficial nos mostra que precisamos entender sobre memória coletiva, mas também sobre amnésia coletiva, como nos ensina Charles W. Mills, intelectual que trabalhou com o conceito de ignorância branca, salientando que o óbvio precisa ser relembrado, já que interesses podem moldar a cognição – e as sociedades escolhem o que querem lembrar e o que querem esquecer. A ignorância moral que implica julgamentos incorretos sobre o que é certo e o que é errado está incluída nessa abordagem, assim como a crença falsa. (Bento, 2022, p. 39).

Ao omitir a resistência negra e indígena da historiografia oficial, nos deparamos com mais uma forma de apagamento da história do povo negro brasileiro. O desconhecimento da história de resistência traz para os indivíduos negros constrangimento ao ter contato com apenas com a história negra pelo viés da escravidão. Djamila Ribeiro em sua obra *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018) destaca suas experiências, ainda na infância, nas aulas de história:

Mas todo dia eu tinha que ouvir piadas envolvendo meu cabelo e a cor da minha pele. Lembro que nas aulas de história sentia a orelha queimar com aquela narrativa que reduzia os negros à escravidão, como se não tivessem um passado na África, como se não houvesse existido resistência. Quando aparecia a figura de uma mulher escravizada na cartilha do livro, sabia que viriam comentários como “olha a mãe da Djamila aí”. Eu odiava essas aulas ou qualquer menção ao passado escravocrata – me encolhia na carteira tentando me esconder. (Ribeiro, 2018, p.8).

Trazer a história dos negros brasileiros pelo viés da escravidão reduz a história do povo negro a uma submissão sem resistência.

Compreendendo que a existência do racismo é real no Brasil, é importante enfatizar que a prática do racismo é crime no país. Desse modo, ressalta-se que a legislação brasileira, incluindo a Constituição de 1988 e leis específicas, tipificam o racismo como crime.

A constituição de 1988 estabelece o racismo como crime inafiançável e imprescritível. Ela garante a igualdade de todos perante a lei. Além disso, no ano de 2023 a lei de número 14.532/2023 traz, como atualização da legislação, a equiparação do crime de injúria racial ao crime de racismo. Ademais, trouxe o aumento de penas e prevê punição maior se o crime for cometido por várias pessoas ou em redes sociais.

O fato de ser considerado crime no Brasil, não isenta as pessoas negras de sofrerem racismo em sua pele. Como analisamos anteriormente, os discursos podem ser interpretados como de discriminação racial entre os evangélicos no Brasil. Esses casos evidenciam que mesmo sendo crime, ainda é um tema que precisa ser melhor estudado, compreendido e combatido pela população brasileira em geral. Cabe pontuar que as instituições religiosas não estão isentas de cumprir a legislação brasileira.

## 5. Movimento Negro Evangélico e Plataformas Digitais

Como foi possível notar, no primeiro caso analisado, o Movimento Negro Evangélico exerceu um papel fundamental ao abrir uma denúncia, que busca investigar a Igreja Pentecostal Deus é Amor. Nesse sentido, neste tópico, vamos refletir sobre o Movimento Negro Evangélico e as plataformas digitais. Assim, Rosenilton Silva de Oliveira em seu artigo *“Hoje eu orei, Ele é negro”: a gênese do movimento negro evangélico no Brasil* (2021) analisa a história do Movimento Negro Evangélico no Brasil. Segundo o autor, uma marca importante do Movimento Negro Evangélico é a proximidade com os estudos teológicos e das Ciências Humanas. Desse modo, a organização da atuação política é mediada pela investigação científica. Nesse sentido, ele inicia sua análise trazendo pessoas negras que são de suma importância para a consolidação do MNE. Cabe destacar, portanto, a trajetória de Hernani Francisco da Silva que tem enorme relevância nesse sentido. Para Hernani da Silva, sua “segunda conversão” é marcada pelo “despertar de sua negritude”, que ocorreu durante a marcha nacional em comemoração ao centenário da abolição da escravidão no Brasil, realizada no dia 13 de maio de 1988 (Oliveira, 2021, p. 173). No ano de 1991, juntamente com outras pessoas, Hernani Francisco da Silva fundou a Sociedade Cultural Missões Quilombo, cujo objetivo principal é “modificar a visão que as igrejas evangélicas têm da cultura negra”. Oliveira destaca que mesmo localizada no âmbito de uma igreja pentecostal, havia integrantes de outras denominações, cujo objetivo era desenvolver ações que extrapolam por vezes o campo evangélico. Rosenilton de Oliveira pontua que, em parceria com o antropólogo norte-americano John Burdick, Hernani da Silva tem realizado um mapeamento das iniciativas desenvolvidas por evangélicos no combate ao racismo e discriminação. Para Oliveira:

De fato, a militância desenvolvida por Hernani Silva revela uma tentativa de regaste da presença negra nas raízes do cristianismo, ao mesmo tempo em que denuncia o que considera uma “teologia evangélica racista”, nesse sentido, várias são as ações que remetem à história do negro no Brasil de maneira geral, e especificamente, no protestantismo, tendo destaque a criação da rede de relacionamentos virtual Afrokut. (Oliveira, 2021, p. 173).

Rosenilton de Oliveira destaca que devido a pluralidade presente no campo religioso protestante, não tem os estabelecimentos de organismos que concentrem todas ações e agentes do Movimento Negro Evangélico. Desse modo, uma das iniciativas de reunir os militantes negros, sem a intenção inicial de formar um único coletivo que congregue todas as pessoas, foi a criação de Fórum de Afrodescendentes Evangélicos criada na plataforma digital MSN no ano de 2002. Atualmente, essa plataforma digital encontra-se desativada, porém surgiram outras cujo objetivo é gerar ainda mais proximidade entre os usuários e proporcionar espaços de discussão, reflexão e entretenimento. Além disso, cabe salientar a força do papel desempenhado pelas plataformas digitais, desde o início dos anos 2000, uma vez que elas se constituem como um espaço que mobiliza debates em torno de questões étnico-raciais no interior das igrejas evangélicas, produz narrativas e denunciam os casos de racismo que se perpetua dentro do campo religioso evangélico brasileiro. Em ambos os casos analisados neste trabalho, é possível notar as plataformas digitais como espaços que possibilitam a ampliação da discussão em torno das questões étnico-raciais e contestam as ações e discursos que buscam invisibilizar pessoas que são historicamente silenciadas na sociedade brasileira. Nesse sentido, além do Fórum de Afrodescendentes Evangélicos, Oliveira destaca outras comunidades virtuais que foram criadas no Orkut, devido às limitações operacionais do MSN. Destacam-se: a Negros Cristãos (que chegou a contar com

mais de 5 mil membros, o Conselho Nacional de Negras e Negros Cristãos – CNNC, Negros Evangélicos, Negros sim! Somos cristãos, Movimento Negro Evangélico e Teologia Negra (Oliveira, 2021, p.174). De acordo com Rosenilton de Oliveira, reuniam evangélicos de distintas denominações, para ele:

Têm em comum essas “comunidades virtuais” o fato de reunirem evangélicos de várias denominações, na tentativa de estabelecer um canal de comunicação entre os vários grupos, possibilitando a troca de informações em si e a articulação de ações em conjunto, ao mesmo tempo em que preserva a independência de cada um deles. (Oliveira, 2021, p. 174).

Nesse sentido, o autor destaca que, na perspectiva de Hernani da Silva, a marca principal do Movimento Negro Evangélico é a descentralização de suas ações, que se baseia na configuração do campo religioso protestante com o objetivo de se apresentar de maneira fragmentária e plural e as especificidades de cada contexto eclesial. Além disso, ele ainda argumenta que um dos pontos que impedem a generalização das ações do MNE está atrelado às limitações financeiras e à forma desigual de como o poder é distribuído no interior das igrejas. Para Oliveira, o fato de se pautarem em uma independência radical de suas igrejas e alguns aspectos econômicos, no campo religioso evangélico, não há um consenso teológico e político com objetivo de incorporar o debate racial dentro das igrejas de modo que se estabeleça uma nova atuação pastoral. (Oliveira, 2021, p.174).

Todavia, pensar, discutir e integrar as pautas raciais nas comunidades que se formavam nas plataformas digitais era uma possibilidade real de ampliar essas questões. De acordo com Oliveira, com o fim do Orkut, muitos grupos migraram para outras plataformas digitais como o Facebook, YouTube, Twitter, Wiki etc. Nesse contexto de se consolidarem nas redes sociais, Hernani da Silva dá origem ao Afrokut em 2008, como uma extensão virtual da Sociedade Cultural Missão Quilombo (Oliveira, 2021, p.175).

A Trajetória da Sociedade Cultural Missão Quilombo está entrelaçada com a militância de seu fundador Hernani da Silva, como destacado por Rosenilton de Oliveira. Assim, essa comunidade virtual busca proporcionar visibilidade ao ativismo antirracista com base em princípios bíblico-teológicos. Nesse sentido, o Afrokut não se coloca apenas como um espaço para reunir evangélicos negros e instituições, mas se consolida como uma rede de relacionamento que proporciona:

o intercâmbio entre os membros a criação de subcomunidades de acordo com interesses convergentes (inclusive a plataforma permite criar fóruns de discussões, blogs e lojas virtuais), além de possibilitar a realização de cursos, palestras e reuniões on-line. Também funciona como um portal de divulgação das atividades do MNE no Brasil, informações sobre teologia, espiritualidade e cultura negra (Oliveira, 2021, p. 175).

Os primeiros passos do Movimento Negro Evangélico evidenciam como as plataformas digitais atuaram não apenas como meios de comunicação, mas como espaços cujo objetivo era pautado em construir e disseminar conhecimento, destacando a construção da identidade negra e possibilitando o surgimento de redes antirracistas. Desse modo, as plataformas digitais ampliam as possibilidades de mobilização e tensionam discursos marcados pelo racismo. Portanto, as plataformas digitais têm o potencial de desempenhar um papel fundamental na agenda antirracista evangélica.

Em seu artigo *Negras evangélicas: o antiracismo feminino negro e a promoção da equidade racial no movimento negro evangélico em Recife, PE* (2024), Vanessa Maria Gomes Barboza trabalha com o surgimento da Rede de Mulheres Negras Evangélicas (RMNE) no cenário progressista evangélico. A autora destaca que a rearticulação do MNE em Recife é desencadeada com a participação feminina desde a presença no espaço público como na regularidade dos encontros que formaram o núcleo do coletivo na cidade (Barboza, 2024, p.165).

Em Recife/PE, as integrantes do MNE, cientes da expressiva participação feminina negra nas igrejas evangélicas de várias denominações, e inspiradas pelo legado de grandes nomes de mulheres negras evangélicas como Benedita da Silva e Marina Silva, e reconhecendo a importância da união e visibilidade da existência de lideranças femininas negras no progressismo brasileiro, se posicionam pela maior articulação das atrizes do Movimento de Mulheres Negras Evangélicas para a criação de uma Rede de Mulheres Negras Evangélicas no Brasil. (Barboza, 2024, p.167).

Nesse sentido, a mobilização para a criação da Rede de Mulheres Negras Evangélicas nasce da identificação da ausência de espaços de apoio para mulheres negras no campo progressista evangélico brasileiro. Assim, dentre os objetivos perpassam as ideias de promover espaço de participação, engajamento, fortalecimento e aprendizagens para as mulheres negras evangélicas considerando seu contexto de fé como expressão cultural e da construção de seus valores democráticos. Para a autora, esse é o principal esforço do Movimento Negro Evangélico em Recife, diante da pauta de gênero e raça, protagonizado por jovens mulheres negras do núcleo local do MNE (Barboza, 2024, p. 167).

Segundo Barboza, o acesso às redes sociais foi crucial para que ela conhecesse intelectuais orgânicas e teólogas negras do Movimento Negro Evangélico, Waldiceia Moraes (DF) e Gicélia Cruz (BA), autoras escreviam de forma independente em páginas de blog pessoal ou facebook (Barboza, 2024, p. 170). Desse modo, o contato entre as intelectuais do MNE foi ampliado pelo acesso às plataformas digitais:

Através das redes sociais (Orkut, Facebook, Instagram etc.) e blogs, documentos e materiais bibliográficos da Teologia Negra e a Teologia Feminista Negra se tornam mais acessíveis aos grupos de interessados e isso possibilita também o contato entre ativistas, acadêmicos e religiosos interessados na promoção da igualdade racial no contexto da fé cristã protestante e evangélica no país. (Barboza, 2024, p. 176).

As plataformas digitais funcionam também como espaços de circulação de referências teóricas, como esse caso destacado por Barboza. Além de funcionar como ferramenta na luta antirracista.

## 6. Contribuições de Letícia Cesarino

Em o *Mundo do Averso: verdade e política na era digital* (2022) Letícia Cesarino traz contribuições da antropologia digital que ajudam a compreender a força da plataformização na sociedade atual. É válido enfatizar que o processo de plataformização atinge as religiões de tal modo que parte de seus rituais passam a ser moldados a partir das plataformas digitais. Nesse sentido, não tardou para que esse processo chegasse às igrejas evangélicas brasileiras. É difícil imaginar uma igreja evangélica que não tenha sua própria página nas distintas redes

sociais. Neste contexto, é válido frisar a Igreja Pentecostal Deus é Amor, pois apesar de toda uma série de restrições - como visto no comunicado acima -, ainda mantém um site oficial e uma página no Instagram, com mais de 300 mil seguidores, onde são expostos uma série de ações da igreja. Dessa forma, as igrejas evangélicas se estabelecem nas plataformas digitais, tal fato acarreta uma série de mudanças - necessárias de análises mais profundas - para o contexto religioso brasileiro, uma vez que as plataformas digitais não são apenas um meio de propagação dos eventos da igreja, mas faz parte de uma nova forma de pensar as igrejas evangélicas. Letícia Cesarino destaca que o ambiente digital proporciona a criação de um outro mundo. Ela enfatiza que na era digital a lógica *agente* e *ambiente* se inverte, isto é, o agente se torna ambiente.

Uma inversão técnica central realizada pela indústria tech, na qual se ancoram outras discutidas aqui, se dá na própria relação pela qual agente e ambiente coemergem. Os ambientes das novas mídias são construídos a partir de um pressuposto inverso àquele que orienta a normatividade e o senso comum na modernidade liberal: o usuário humano não é o agente, mas o ambiente, para a agência de sistemas não humanos. É assim que se estruturam não apenas as arquiteturas cibernéticas das plataformas mas a própria lógica econômica que orienta o *mainstream* da indústria tech. Parte da força política desses agentes não humanos - bem como dos agentes humanos que deles se aproveitam - advém, como em outros casos, da invisibilidade desses pressupostos. (Cesarino, 2022, p.64).

Nesse sentido, a autora destaca que essa inversão ocorre sem que isso seja comunicado aos usuários, pois ao ser notada poderia comprometer a própria lógica da influência embutida no design técnico das novas mídias (Cesarino, 2022, p.70). Dessa forma, a autora destaca:

Essa incapacidade de nos vermos como ambiente sujeito à influência de agências que operam em planos pós- e pré-individuais não é apenas um obstáculo à análise lúcida dos fenômenos em tela. Ela é parte central desses fenômenos, visto que a eficácia da lógica de influência que fundamenta a atual economia digital (e suas reverberações políticas e epistêmicas) pressupõe justamente que os usuários individuais se sintam livres encontramos a informação que buscamos porque essa informação também está, ativamente, nos procurando. (Cesarino, 2022, p.70).

Ao refletir sobre casos analisados, é possível ter a compreensão de que os episódios de racismo não se manifestam primeiro no espaço religioso e depois migram para o ambiente digital. Igrejas e plataformas digitais formam um sistema de coemergência, haja vista que a circulação de vídeos, manifestações públicas e compartilhamentos reformulam o significado social do acontecimento. A lógica agente e ambiente nos ajuda a compreender o papel central que as plataformas digitais acabam desempenhando no debate, uma vez que os algoritmos ajudam a ampliar a circulação de conteúdo, os usuários têm autonomia para interpretar as questões e o MNE, por exemplo, atua com respostas ao problema estabelecido. Desse modo, o ambiente digital deixa de ser apenas um meio de comunicação, ele se torna agente que condiciona respostas institucionais.

Além disso, cabe destacar que as plataformas digitais não apenas expõem casos de discriminação racial, elas alteram as condições sob as quais as igrejas exercem autoridade e respondem, de maneira pública, às acusações. Nesse sentido, as instituições religiosas passam a disputar interpretações em ambientes digitais marcados pela participação de diversos atores.

Assim, nesses espaços, a quantidade de curtidas, comentários, visibilidade algorítmica, produzem formas de *accountability* que transformam as relações de poder no campo religioso.

### Considerações finais

O trabalho buscou demonstrar que, apesar da expressiva presença de pessoas negras nas igrejas evangélicas, ainda são observadas tensões raciais em determinados contextos religiosos, manifestadas por discursos e práticas que podem contribuir para a reprodução de discriminação racial. Além disso, foi possível notar um campo de disputa em torno da legitimidade de determinados discursos e práticas. A repercussão desses casos tornou visível tensões historicamente silenciadas. Nesse sentido, os casos também mostram a importância do Movimento Negro Evangélico que podem encontrar nas plataformas digitais condições de articular denúncias, construir redes e elaborar interpretações críticas sobre o campo religioso evangélico. As plataformas digitais, portanto, ampliam a capacidade de intervenção desses atores.

Por fim, este trabalho buscou evidenciar que as plataformas digitais não funcionam apenas como propagadoras de discursos religiosos, mas funcionam como ambientes que reconfiguram as formas de produção, visibilidade e denúncias das narrativas presentes no campo evangélico brasileiro. Os casos analisados demonstram que práticas e discursos que antes eram encontrados apenas no interior das instituições religiosas, agora possuem ampla visibilidade pública ao serem inseridos nas plataformas digitais.

### Referências

ALENCAR, Gedeon Freire de. Nas Assembleias de Deus não há racismos, pois, nas Assembleias de Deus, pessoas negras (não) têm lugar. In: Org. Alef Monteiro. **Racismo e negritude no pentecostalismo evangélico brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Telha, 2023.

ALTINO, Lucas. Igreja evangélica proíbe uso de “penteado afro” e é denunciada por racismo. **O Globo**. 13/12/2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/12/13/igreja-evangelica-proibe-uso-de-penteado-afro-e-e-denunciada-por-racismo.ghtml>. Acesso em: 16 de fev. de 2026.

ANDRADE, Beatriz Roberta Vieira de; NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Pentecostalismo na Assembleia de Deus: racismo e seus desdobramentos na vida cotidiana dos negros no Brasil. **Sacrilegens, Juiz de Fora**, v. 22, n. 3, p. 205–227, jul./dez. 2025.

ARGOLO, Aquiles Marchel. Igreja Deus é Amor proíbe fiéis de usarem cabelo afro, é acusada de racismo e “se desculpa”. **Pretessências**. 08/12/2024. Disponível em: <https://www.pretessencias.com.br/noticias/igreja-deus-e-amor-proibe-fieis-de-usarem-cabelo-afro-e-acusada-de-racismo-e-se-desculpa/>. Acesso em: 22 de maio de 2026.

BARBOZA, Vanessa Maria Gomes. Negras evangélicas: o antirracismo feminino negro e a promoção da equidade racial no Movimento Negro Evangélico, em Recife/PE. **Mandrágora, São Bernardo do Campo**, v. 30, n. 2, p. 152-182, 2024.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 jul. 2010. [1, 2] **Meu Vade Mecum online**. Disponível em: [https://www.meuvademecumonline.com.br/legislacao/estatutos/1/estatuto-da-igualdade-racial-lei-n-12-288-de-20-de-julho-de-2010/artigo\\_1?](https://www.meuvademecumonline.com.br/legislacao/estatutos/1/estatuto-da-igualdade-racial-lei-n-12-288-de-20-de-julho-de-2010/artigo_1?) Acesso em: 22 de maio de 2026.

CARRANÇA, Thais. Censo 2022 religião: o que pesquisa revela sobre evangélicos e mais 7 dados inéditos. **BBC News Brasil**. 06 jun. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crk2p5xr0m7o>. Acesso em 16 de fev. de 2026.

CENSO 2022 religião: o que pesquisa revela sobre evangélicos e mais 7 dados inéditos. **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crk2p5xr0m7o>. Acesso em 16 de fev. de 2026.

CESARINO Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ed. Ubu; 2022.

DECLARAÇÕES polêmicas: MPPA apura fala de pastor com indícios de racismo e sexismo. **O Fato**. 22 ago. 2025. Disponível em: <https://portalofato.com.br/2025/08/22/declaracoes-polemicas-mppa-apura-fala-de-pastor-com-indicios-de-racismo-e-sexismo/>. Acesso: 22 de maio de 2026.

FAJARDO, Maxwell. **Onde a luta se travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Recriar, 2019.

HOOKE, Bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JENNINGS, Willie James. **Racismo e teologia: os fundamentos raciais no imaginário cristão**. 1. ed. Curitiba: Editora Recriar, 2025.

LOSCHI, Marília. Censo 2022: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. **Agência de Notícias IBGE**, Rio de Janeiro, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>. Acesso em: 15 jun. 2026.

MARIANO, Ricardo. O futuro não será protestante. **Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre**, ano 1, n. 1, p. 89-114, set. 1999.

MATHIAS, Paulo. Post publicado pelo perfil @paulomathias. **Instagram**, 11 ago. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DNNewfchEVb/?igsh=aGg1YTAyOHF3MHUz>. Acesso em: 17 de fev. de 2026.

MICHAELIS. Preconceito. **São Paulo: Melhoramentos**, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/preconceito/>. Acesso em: 15 jun. 2026.

MOVIMENTO Negro Evangélico: **Justiça Racial e Cristianismo Evangélico no Brasil**. Disponível em: <https://mnebrasil.org/>. Acesso em: 17 fev. 2026.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2006.

NINJA, Midia. Post publicado pelo perfil @midianinja. **Instagram**, 07 dez. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DDSMQNrVhRA/>. Acesso em: 16 de fev. de 2026.

OLIVEIRA, Marco Davi de. **A religião mais negra do Brasil**: Por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?. Viçosa: Ed. Ultimato; 2015.

OLIVEIRA, Rosenilton Silva de. “Hoje eu orei, Ele é negro”: a gênese do movimento negro evangélico no Brasil. **Religião & Sociedade, Rio de Janeiro**, v. 41, n. 3, p. 169-191, 2021.

PACHECO, Ronilso. **Teologia negra: o sopro antirracista do Espírito**. Brasília; São Paulo: Novos Diálogos; Ed. Recriar, 2019.

RIBEIRO, Débora. Preconceito. **Dicio: Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/preconceito/>. Acesso em: 15 jun. 2026.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Isadora. Movimento Negro Evangélico denuncia Igreja Pentecostal Deus é Amor ao Ministério Público por racismo. **Mundo Negro**. 13 dez. 2024. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/movimento-negro-evangelico-denuncia-igreja-deus-e-amor-por-racismo-no-mp-sp/>. Acesso em: 17 fev. 2026.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Religião e identidade cultural negra: afro-brasileiros, católicos e evangélicos. **Afro-Ásia**, ed. 56, 83-128, 2017.

STAHL, Marcos Francisco. **Comunidade virtual e ambiência religiosa: a Igreja Pentecostal Deus é Amor no ciberespaço**. 2015. 86 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Paulista (UNIP), São Paulo, 2015.

Recebido em 17/02/2026  
Aceito em 15/05/2026